

ComCiência n.160 Campinas Jul 2014

Ciência, linguagem e literatura

Carlos Vogt

Editorial

Já se disse que o homem é um animal que não apenas vive em sociedade, como necessita da sociedade para viver.

O fato fundamental dessa necessidade é a linguagem e, conseqüentemente, a comunicação.

Ao formular, há algum tempo atrás, a proposta de representação, da dinâmica da cultura científica sob a forma de uma espiral (Vogt, 2012), procurei enfatizar precisamente esse aspecto, tão relevante da ciência e da cultura contemporâneas, que não é outro senão o da comunicação.

Assim, ao estabelecer, pelo cruzamento do eixo vertical e do eixo horizontal, os quadrantes do processo social de produção e circulação da cultura científica, pudemos identificar em cada um deles um momento característico do processo de comunicação da ciência e do conhecimento, de forma geral, que nos permite também uma reflexão sobre as relações entre a ciência e a arte, no caso, mais especificamente, a literatura.

Para efeito de exposição, reproduzo abaixo a figura da **Espiral**, com os seus quadrantes e a caracterização de cada um segundo a ênfase da atividade que os distingue e dos atores principais das ações de comunicação que neles se desenrolam.

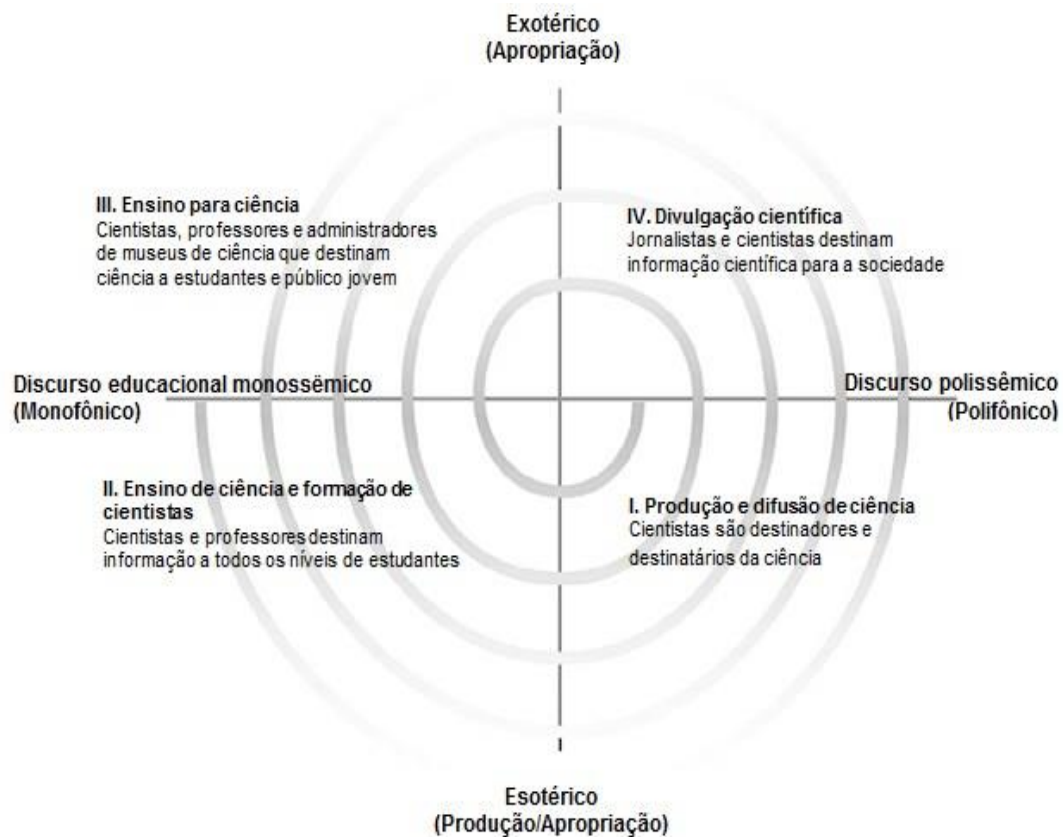


Fig. 1 – A espiral da cultura científica, reprodução e adaptação de Vogt, 2012.

No que importa aqui considerar, do ponto de vista da comunicação da ciência, a linguagem própria do Quadrante I, da produção e difusão científicas, é uma linguagem altamente especializada e num nível de codificação que requer uma formação de especialista para poder interagir com pares, nesse nível de atuação.

No Quadrante II, a linguagem, ainda bastante codificada tem, contudo, a flexibilidade que as finalidades pedagógicas e didáticas das ações de ensino exigem para que os processos de aprendizagem se consubstanciem.

No Quadrante III, do ensino para a ciência, as ações se voltam para um público um pouco mais amplo, jovem sobretudo, buscando motivá-lo para o conhecimento científico e visando nele despertar e fomentar o amor da ciência. As ações têm como alvo o jovem amador da ciência no duplo sentido que a expressão permite: aquele que ama a ciência, não sendo dela um profissional.

Com o Quadrante IV, o da divulgação científica, a volta da espiral se completa e ao mesmo tempo, no mesmo lado do mesmo eixo de partida, se reabre para um novo giro.

Neste quadrante, a linguagem de comunicação, que visa ao público em geral, deve já terse transformado num código aberto que permita uma espécie de tradução sensível dos conceitos abstratos formulados pela ciência no nível do Quadrante I, de sua produção e difusão. Daí as oposições marcadas, na figura da Espiral, por seus pontos cardiais: discurso esotérico x discurso exotérico, no eixo vertical; discurso monossêmico x discurso polissêmico, no eixo horizontal.

Em outras palavras, para usar uma metáfora, a linguagem, neste quadrante, busca, de modo analógico, sensibilizar conceitos, que, de outro modo, no Quadrante I, são formulados de forma digital e essa transposição permite enxergar a grande volta do conhecimento que une, pelas pontas espiraladas, a ciência, a literatura e a arte, de um modo geral.

Arte e ciência têm propósitos comuns no que diz respeito ao conhecimento: ambas são formas de agir que procuram dar sentido à nossa existência, ordenando-a de modo a fazê-la compreensível, revelando as estruturas subjacentes a essa organização, descobrindo as leis e os princípios de funcionamento e equilíbrio, quer isso valha para as relações do homem com a natureza, ou do homem com o homem, em sociedade.

A natureza do conhecimento é o segredo; o de sua revelação é o conhecimento da linguagem de sua formulação.